

A ABORDAGEM LINGÜÍSTICA TEXTUAL E OS ESTUDOS DO ANTIGO TESTAMENTO

*Tarcízio José de Freitas Carvalho**

RESUMO

A lingüística textual dedica-se à análise dos diversos paradigmas de sentenças a fim de compreender como estas se conectam em um discurso. É preciso alistar quais dispositivos lingüísticos são utilizados no texto para garantir sua coesão. Estes dispositivos podem ser artigos, repetição léxica, pronomes pessoais, tipos de cláusulas verbais e nominais etc., elementos que estabelecerão o relacionamento lógico no discurso. Este artigo pretende descrever o que é uma abordagem lingüística textual, ressaltar seus conceitos principais, e descortinar um cenário panorâmico de como esta abordagem vem sendo cada vez mais utilizada nos estudos bíblicos, particularmente do Antigo Testamento.

PALAVRAS-CHAVE

Lingüística textual; Sistema verbal hebraico; Modos de comunicação; Sincronia; Diacronia; Tagmêmica.

INTRODUÇÃO

A lingüística textual é um ramo da ciência da lingüística¹ que estuda textos como processos comunicativos. Seu objetivo é descrever funções textuais

* O autor é professor assistente de Antigo Testamento no CPAJ. É graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (1990) e Mestre em Teologia Exegética com concentração em Antigo Testamento, pelo CPAJ (Th.M., 1998). É mestre em Metodologia da Pesquisa com ênfase no Antigo Testamento pela Universidade Livre de Amsterdam, e, atualmente, doutorando em Antigo Testamento nessa mesma universidade. É graduado em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2004).

¹ Os que desejarem entender a “lingüística” em sentido geral podem ler a obra de FIORIN, J. L. org. *Introdução à lingüística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002 e *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. Os que desejarem iniciar-se nos estudos lingüísticos com enfoque em estudos bíblicos, podem ler NIDA, E. A. Implications of Contemporary Linguistics for Biblical Scholarship. *Journal of Biblical Literature*, 91:1 (1972), pp. 73-89.



desde o nível dos lexemas² até discursos inteiros. Nem sempre as descrições lingüísticas são amigáveis. Muitas vezes uma terminologia excessivamente técnica confunde mais do que aponta caminhos. As palavras de David Crystal ajudam a entender as dificuldades com que irão se deparar aqueles que se envolvem com a lingüística textual hebraica:

um sinal de imaturidade [na ciência] é o fluxo interminável de terminologia. O leitor crítico começa a ponderar se algum tabu de nomenclatura se associa aos termos que um lingüista utiliza, pelo qual, ao morrer, eles devam ser sepultados com ele.³

Esta problemática terminológica, entretanto, não deve ser desanimadora. Antes, deve dar ao estudioso do hebraico bíblico a real dimensão de seu trabalho.

Dificuldades, aliás, não são novidade quando o assunto é estudar a Bíblia. A hermenêutica bíblica já sinalizava para esta dificuldade ao comentar sobre o distanciamento que temos em relação ao texto bíblico, havendo a necessidade de transpor as rotinas interpretativas costumeiras que temos a fim de conseguirmos ler e entender a Bíblia.⁴ Ao considerar o mundo ocidental, deve-se admitir que há uma distância razoável de tempo, cultura e língua, em

² Em nosso vernáculo lexema é um conjunto de palavras de uma mesma classe morfológica que se distribuem de forma complementar, diferindo morfológicamente entre si por sufixos flexivos. Assim, “cantar” é o lexema verbal para “cantei, cantava, cantaria e cantemos.” Um termo bem conhecido por estudantes de teologia é *léxico*. O que significa este termo? O *léxico* de uma determinada língua é o seu vocabulário, incluindo palavras e expressões. De modo formal, pode-se dizer que o *léxico* é um inventário de lexemas de uma dada língua.

³ CRYSTAL, D. *A First Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Oxford: Basil Blackwell, 1985, p. v. Minha tradução.

⁴ KAISER, W. C. e SILVA, M. *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002. O termo “distanciamento,” antes de adentrar o campo da hermenêutica bíblica, já era parte integrante do debate filosófico. Veja a síntese dos filósofos HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988 e DILTHEY, W. *El mundo histórico*, 1ª ed., trad. Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1944, na obra de GADAMER, H. G. *Verdade e método. I - traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997. Nesta obra Gadamer aponta que a hermenêutica está interessada na busca daquela experiência de verdade que transcende a esfera do controle científico. Ou seja, para ele a questão hermenêutica não era uma questão de método, mas da análise das condições nas quais ocorre a compreensão. A Gadamer costuma ser atribuída a nova hermenêutica, na qual a interpretação deixa de ser normativo-metodológica e passa a ser algo inerente à experiência humana em sua finitude. A tarefa hermenêutica, nesta nova abordagem, passa a ser a de criadora de sentido, ocorrendo na esfera da compreensão. Para quem se interessar, ver ainda a crítica a Gadamer e uma outra proposta para vencer o distanciamento em RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. A proposta deste artigo, de explicar o que é uma abordagem lingüística textual, se insere no debate da filosofia da linguagem ao entendê-la como um meio de acesso ao mundo e às coisas. Certamente o tom metodológico do estudo lingüístico textual não seria apoiado nem por Dilthey, e nem por Gadamer ou Ricoeur. Mas, creio que ao descortinar possibilidades de interpretação estaremos compartilhando algo que nos coloca em um mesmo patamar nas ciências humanas, ou seja, a indagação e a busca por respostas mais embasadas sintaticamente.



relação ao Antigo Oriente Próximo, local onde Deus fez nascer a nação antiga de Israel. Além disso, não há falantes do hebraico bíblico. Isto implica que qualquer descrição da língua hebraica antiga deve ser feita com muito cuidado, especialmente no que diz respeito ao processo comunicativo. Questões tais como o uso da ênfase, o emprego do duplo sentido, a utilização da ironia, ou como marcavam as escolhas do tempo verbal, são de extrema importância. A lingüística textual mostra-se valiosa na tentativa de responder a algumas destas e outras questões, buscando identificar os marcadores textuais para o intérprete ou para o leitor.

A lingüística textual insere-se em um campo lingüístico chamado de tagmêmica. Esta teoria tagmêmica foi desenvolvida por Kenneth Lee Pike, um missionário, antropólogo e lingüista americano.⁵ Os estudos de Pike serviram de suporte para o trabalho que desenvolveu no *Summer Institute of Linguistics* (SIL). Nesta instituição são produzidas traduções da Bíblia judaico-cristã para línguas ágrafas.

Um nome bem conhecido, por desenvolver a teoria tagmêmica nos estudos do Antigo Testamento, é Robert E. Longacre.⁶ De acordo com Longacre, “tagmêmica é um discurso acerca de padrões lingüísticos.”⁷ O foco dos estudos tagmêmicos, portanto, é realizar um levantamento de padrões que permitirão uma aproximação mais acurada do que teria sido utilizado pelo falante de determinada língua. Como resultado, lingüistas e hebraístas passaram a estar mais voltados à lingüística textual, ou seja, à função de determinados discursos, suas unidades textuais e construções utilizadas na Bíblia.

1. A FONTE DE DADOS DO ANTIGO TESTAMENTO

O *corpus* básico da Bíblia hebraica é o Texto Massorético (TM), com forte atestação por textos afins (como os rolos do Mar Morto). Não existem falantes daquela língua e a quantidade de textos para análise é relativamente pequena. Por isso é tão importante um olhar metucioso (*close reading*⁸) para as marcas textuais, sem perder de vista como a tradição judaica recebeu e continuou a entender o processo comunicativo da língua hebraica.

⁵ PIKE, K. L. *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*. vol. 32 em *Janua Linguarum, Series Maior*. The Hague: Mouton, 1967. Ver ainda *Linguistic Concepts: An Introduction to Tagmemics*. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 1982.

⁶ LONGACRE, R. E. *Joseph: A Story of Divine Providence: A Text Theoretical and Textlinguistic Analysis of Gênesis 37 and 39-48*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1989; ver também *Discourse Structure, Verb Forms, and Archaisms in Psalm 18*. *Journal of Translation* 2:1 (2006), pp. 17-30.

⁷ LONGACRE, R. E. *Tagmemics*. *Word* 36:2 (1985), pp. 137-38.

⁸ *Close reading* é uma terminologia utilizada em estudos literários. É um modo de dizer que está sendo dada maior ênfase a palavras, à sintaxe, e à ordem na qual as sentenças e idéias se desenvolvem no texto à medida que é lido. Como se pode perceber, as nomenclaturas variam, mas o objetivo é realizar uma leitura mais precisa do texto.

Afirmar que há um limitado banco de dados do Antigo Testamento pode dar a impressão de que tudo já foi dito acerca dele. Assim, seriam legítimas as questões: O que mais ainda pode ser dito acerca de textos bíblicos? Os estudiosos já não disseram tudo o que seria possível? A sua resposta determinará que atitude você terá diante das chamadas línguas originais: o hebraico, o aramaico e o grego. Determinará também se a herança reformada do *Sola Scriptura* ainda faz parte do seu exercício pessoal como intérprete da Palavra de Deus. Afirmar o *Sola Scriptura* deveria resultar na convicção de que o texto bíblico é um discurso compreensível em si mesmo, devendo ser estudado profundamente a fim de que seja compreendido como autoridade final.⁹

Mas, ainda antes de tentar responder as questões acima, há uma questão mais específica: já existe um levantamento cabal de todo o *corpus* lingüístico das línguas bíblicas mortas? Já há um consenso final acerca de como os aspectos lingüísticos devam ser entendidos? A resposta é que há muitos estudos bíblicos explorando a vertente lingüística, mas ainda não se tem um banco de dados totalmente analisado e que encontre um consenso final entre os estudiosos.

Esta resposta, novamente, não deve ser desanimadora. Embora muito já tenha sido comentado acerca dos textos bíblicos, sempre há algo a se declarar à medida que os estudos das línguas originais progridem. Ou seja, objetos (e neste caso, textos) nunca são totalmente descritos. Com isso não se está afirmando aqui que há sempre *algo novo* a ser dito, mas que há sempre algo a ser afirmado à luz de mais estudo, ainda que seja reafirmar observações antigas em meio ao mar de constantes hipóteses na área lingüística.

Será pressuposto neste artigo que o *Sola Scriptura* é um aspecto necessário na leitura e interpretação do texto bíblico em círculos reformados. Como comentou Augustus Nicodemus Lopes, “o ideal *ad fontes*, o retorno às fontes documentais, do *Sola Scriptura* levou-os [os reformadores] a realizar uma análise crítica do pensamento teológico da Igreja antiga e medieval.”¹⁰ Reafirma-se aqui que estudiosos possuem autoridade na medida em que concordam com a Escritura. Será pressuposto ainda que o TM, em sua versão

⁹ É interessante ler os argumentos que John D. Currid utiliza para mostrar que o conhecimento das línguas bíblicas é algo necessário e prático no ministério. Ele ressalta: 1) as línguas originais são necessárias para analisar o texto em seu contexto; 2) é preciso conhecer as línguas originais para decidir-se em meio ao mar de traduções da Bíblia; 3) da mesma forma, com relação a comentários. É preciso estar habilitado para julgar qual comentário possui a maior probabilidade de estar no caminho textual correto; 4) para aqueles que seguem a confessionalidade da Confissão de Fé de Westminster, ela declara que as Escrituras em suas línguas originais são a fonte de apelo para controvérsias (CFW 1.8); 5) o orgulho de alguns pastores em afirmar que nunca mais usaram as línguas originais deveria se converter em estudo dedicado da única fonte de estudo que lhes pode trazer aprofundamento, a Bíblia em suas línguas originais; e 6) é preciso diligência e disciplina para observar os frutos que advirão desta empreitada. Conferir estes pontos em CURRID, J. D. *Calvin and the Biblical Languages*. Rosshire: Christian Focus, 2006.

¹⁰ LOPES, A. N. *A Bíblia e seus intérpretes*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 161.

final como o temos, é uma testemunha que tem em si estrutura e significado textuais suficientes que permitem análise, documentação e interpretação, antes de buscar processos diacrônicos.¹¹

Este artigo se localiza próximo a uma linha *saussuriana*,¹² ou seja, entende a importância dos estudos diacrônicos, mas opta por uma leitura meticulosa primariamente sincrônica. Assim, procuraremos obter o melhor que a abordagem textual lingüística tem a oferecer para a compreensão de um discurso, antes de uma avaliação diacrônica.¹³

2. LINGÜÍSTICA TEXTUAL, MÉTODO E GRAMÁTICA HEBRAICA

Ao aproximar-se de um texto bíblico o intérprete deseja entender como este foi linguisticamente organizado, qual a sua função textual no discurso, e qual a sua aplicabilidade teológica. Estas questões requerem uma abordagem inicial que suspenda outros tipos de inquirição fora do texto bíblico. Isto significa que a escolha da abordagem é um assunto importante no processo, ou seja, qual metodologia será adotada?

Desde a década de 70 tem havido uma enxurrada de abordagens nos estudos lingüísticos. A lingüística textual eclodiu, naquela época, como um estudo das propriedades de discursos (escritos ou orais), e seu uso nos processos comunicativos. A lingüística textual é um conceito mais amplo, englobando a análise do discurso e a pragmática.¹⁴ O texto é, ainda, o principal objeto desse

¹¹ Os termos *sincronia* e *diacronia* estão intimamente associados ao lingüista suíço Ferdinand de Saussure. Muitos o consideram o “pai da lingüística” do século 20. Faleceu em 1913 e a sua principal obra foi publicada postumamente em 1916 (*Cours de Linguistique Générale*). Ele interessava-se primariamente por uma abordagem sincrônica, sustentando que não havia a necessidade de conhecimento do desenvolvimento histórico de uma determinada língua para analisar o seu estado textual atual. Esta conclusão estava ancorada na convicção de que a pesquisa lingüística deveria se concentrar na estrutura da linguagem. Posteriormente esta forma de abordagem foi desenvolvida e chamada de estruturalismo. A dimensão de sua obra pôde ser observada mais tarde na Escola de Praga, com o trabalho de Roman O. Jakobson (*The Fundamentals of Language*, 1956; *The Sound Shape of Language*, 1979; *Framework of Language*, 1980; em português ler *Lingüística e Comunicação*, publicado pela Cultrix, ou *Lingüística, Poética, Cinema*, publicado pela Editora Perspectiva), na Escola de Copenhague, com o trabalho de Louis Hjelmslev (*Prolegomena to a Theory of Language*. Wisconsin: University Press, 1963), e no distribucionalismo de Leonard Bloomfield (BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933), nos Estados Unidos.

¹² O interesse e a referência a Saussure, nos estudos bíblicos, tem ocorrido mais por uma razão prática do que filosófica. E a razão prática nos estudos do hebraico bíblico é a relevância de sua proposta para o estudo de estruturas. Para uma compreensão do uso e desdobramentos da filosofia de Saussure acerca da língua, leia VANHOOZER, K. *Há um significado neste texto?* São Paulo: Editora Vida, 2001. Vanhoozer, a meu ver corretamente, ressalta que uma sincronia por si e em si mesma é uma abordagem sem sentido. Opondo-se à tendência de “morte de Deus/morte do autor,” afirma entender “textos como atos comunicativos caracterizados por intenção, ilocução e eficácia” (p. 533).

¹³ TALSTRA, E. Towards a Distributional Definition of Clauses in Classical Hebrew: A Computer-assisted Description of Clauses and Clause Types in Deut 4:3-8. *Ephemerides Theologicae Lovenienses* 63 (1987), pp. 65-67.

¹⁴ *Pragmática* nos estudos lingüísticos é a habilidade de um falante de uma língua natural de comunicar mais do que foi explicitamente declarado.

estudo. Abaixo da superfície textual, ou por detrás do texto, existem muitos outros processos como o cognitivo, o social, o ideológico e outros.

R. L. Trask oferece definições que ajudam a captar as nuances entre o que seja a análise do discurso, do diálogo e a análise lingüística textual:

Conquanto o uso seja diversificado, mais comumente aplicamos o rótulo de análise do discurso a uma abordagem que esteja fortemente baseada em conceitos gramaticais tradicionais; a análise do diálogo a uma abordagem empírica que rejeita conceitos tradicionais, buscando extrair padrões dos dados; e a análise textual lingüística ao estudo de unidades maiores da linguagem procurando definir sua função comunicativa.¹⁵

Trask ainda observa que a “lingüística textual é primariamente uma criação europeia, sendo especialmente proeminente na Alemanha e na Holanda”.¹⁶ A identificação de propriedades de cada tipo de texto constitui um dos principais objetivos de uma abordagem lingüística textual. Isso significa que se procura identificar as marcas sintáticas explícitas no texto, ao analisar unidades maiores da língua alvo, com o objetivo de entender sua intenção comunicativa.

Na área de estudos bíblicos, Christo H. J. van der Merwe destaca que “desde os anos 70, muitos estudiosos da gramática hebraica têm estado descontentes com a abordagem gramatical tradicional, baseada em sentenças”.¹⁷ Merwe oferece três razões pelas quais deve-se prosseguir além do nível da sentença: a) a influência da lingüística moderna; b) o uso de métodos exegéticos histórico-críticos que têm se baseado somente em estudos gramaticais de palavras ou sentenças; e c) os grupos de tradução da Bíblia, que estão mais interessados no sentido do que em palavras e sentenças isoladas de um discurso.

Pode-se afirmar com certa confiança que todo professor de hebraico no Brasil, que tenha ensinado nos últimos vinte anos, estará ciente de sua necessidade de conhecer melhor o sistema verbal hebraico (SVH) além do nível de sentenças. Mesmo com muitas gramáticas publicadas em português,¹⁸ é

¹⁵ TRASK, R. L. *Key Concepts in Language and Linguistics*. London: Routledge, 1999. Minha tradução.

¹⁶ *Ibid.*, p. 313.

¹⁷ VAN DER MERWE, Christo H. J., em *Biblical Hebrew and Discourse Linguistics*. Ed. por BERGEN, R. D. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1994.

¹⁸ KERR, G. *Gramática elementar da língua hebraica*. São Paulo: Juerp, 1979; MENDES, P. *Noções do hebraico bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 1981; KELLEY, P. H. *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*. São Leopoldo: Sinodal, 1998; LAMBDIN, Th. O. *Gramática do hebraico bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003; VITA, R. e AKIL, T. *Noções básicas de hebraico bíblico para ler e traduzir*. São Paulo: Hagnos, 2004; GUSSO, A. R. *Gramática instrumental do hebraico: passo a passo*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005; BARTELT, A. H. *Gramática do hebraico bíblico*. Ulbra, 2006; ALVES, R. *Gramática do hebraico: clássico e moderno*. Imago, 2007; ROSS, A. P. *Gramática do hebraico bíblico para iniciantes*. São Paulo: Editora Vida, 2005; WALTKE, B. K. e O'CONNOR, M. P. *Introdução à sintaxe do hebraico bíblico*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006; FUTATO, M. D. *Introdução ao hebraico bíblico*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, no prelo.

grande o desejo de possuir melhores ferramentas que auxiliem o intérprete na tarefa de traduzir e aplicar o texto bíblico. Com as atuais ferramentas pode-se trabalhar a filologia com um bom detalhamento, ou até mesmo comentar sentenças isoladas. Entretanto, como entender o sentido de discursos? Os séculos 19 e 20 testemunharam o nascimento de muitas gramáticas de referência para a língua hebraica: Wilhelm Gesenius, Thomas Lambdin, Bruce Waltke e Michael O'Connor para citar apenas alguns autores.¹⁹ Ainda assim, o SVH, a ordem de palavras e a identificação de quem sejam os participantes no discurso permanecem áreas de contínuo debate e desafio.

Merwe realça algumas pesquisas proeminentes também dos anos 70 que têm abordado estas questões referidas no final do parágrafo anterior. Ele identifica que:

três linhas principais de pensamento e pesquisa têm se destacado: (1) aquelas que favorecem uma total reavaliação do conhecimento gramatical existente, em termos de um novo olhar para toda a quantidade de dados do hebraico bíblico – a abordagem “forma para a função” [*form-to-function*]; (2) aquelas que lidam com problemas específicos na descrição do hebraico bíblico, a partir de uma teoria do discurso contemporânea ou a partir de uma abordagem lingüística qualquer – a abordagem funcional; e (3) aquelas que podem ser consideradas como revisões de descrições tradicionais da gramática do hebraico bíblico.²⁰

A abordagem lingüística textual se insere naquilo que Merwe chamou de opção 1, ou seja, um novo olhar para todo o banco de dados do hebraico bíblico, uma abordagem da forma para a função. Isto não significa desprezar tudo o que já foi feito até aqui, ou sequer sugerir que as gramáticas tradicionais estejam equivocadas. O emprego de tal abordagem, a lingüística textual, é um

¹⁹ KAUTZSCH, E. ed. *Gesenius' Hebrew Grammar*. Em Inglês ed. A. E. Cowley. Oxford: Clarendon Press, 1910; LAMBDIN, T. O. *Introduction to Biblical Hebrew*. London: Charles Scribner's Sons, 1971; WALTKE, B. K. e O'CONNOR, M. P. *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990. Há dezenas de artigos e estudos que colaboraram para a formação de gramáticas. Apenas para que se tenha uma idéia, cito mais alguns: EWALD, H. *Ausführliches Lehrbuch der hebräischen Sprache*. 8th ed. Göttingen: Verlag der dieterichsen Buchhandlung, 1870); JOÛON, P., *Grammaire de l'hébreu biblique*. Rome: Institut Biblique Pontifical, 1923; reimpressa com correções em 1965; van der MERWE, C. H. J. A Short Survey of Major Contributions to the Grammatical Description of Old Hebrew Since 1800 AD. *JNWSL* 13 (1987), pp. 161-90; van der MERWE, C. H. J.; NAUDÉ, J. A.; KROEZE J. H. *A Biblical Hebrew Reference Grammar*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999; TALSTRA, E. Text, Grammar and the Hebrew Bible. I: Elements of a Theory. *BO* 35 (1978), pp. 169-74; TALSTRA, E. Text Grammar and the Hebrew Bible. II: Syntax and Semantics. *Bibliotheca Orientalis* 39 (1982), pp. 26-38; SCHNEIDER, W. *Grammatik des biblischen Hebräisch*. 2^a ed. Munich: Cladius Verlag, 1982; JOÛON, P.; MURAOKA, T. *A Grammar of Biblical Hebrew*. 2 vols. Subsidia biblica 14/I e II. Rome: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1991.

²⁰ Van der MERWE, C. H. J. Discourse Linguistics and Biblical Hebrew Grammar. Em BERGEN, R. D. ed. *Biblical Hebrew and Discourse Linguistics*. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1994, p. 15. Minha tradução.

novo olhar sobre o dado bíblico, mas sempre em diálogo com o que outras propostas já alcançaram.

Os aspectos mencionados por Merwe, quais sejam, o desencanto com métodos baseados em estudo gramatical de sentenças, ou a importância maior que o sentido de um discurso possui em relação ao estudo de palavras, conclamam a uma análise mais expandida do texto bíblico. Como já se sabe, palavras ocorrem em contexto, e elas só são significativas através de um predicado verbal. Por isso é tão importante debruçar-se novamente sobre o texto para entender, dentre outras coisas, o sistema verbal do hebraico bíblico.

Embora este artigo não seja sobre o SVH, toda e qualquer hipótese sobre seu funcionamento interessa à abordagem lingüística textual. Um grande esforço tem sido empreendido para entender seu funcionamento, e como os modos de comunicação em hebraico podem ser traduzidos nos sistemas verbais de outras línguas. Leslie McFall organizou um panorama acerca desta problemática, apontando para seis diferentes abordagens relativas à questão do SVH. As conclusões de seu livro, publicado no final dos anos 80, favorecem dois pontos de vista. O primeiro, de William Turner, que evita “a tendência comum observada em todas as soluções propostas, de alinhar o SVH com sua própria língua nativa;” e o segundo, uma abordagem histórico-comparativa, a qual reivindica que mais trabalho comparativo seja feito no futuro, pois “muita ênfase tem sido dada ao aspecto histórico, e pouca ao aspecto comparativo.”²¹

2.1 Por que o SVH importa para a abordagem lingüística textual?

Até recentemente a principal dificuldade em estudos do SVH era a ausência de um banco de dados que permitisse reproduzir estatísticas que sustentassem análises além do nível da sentença. A tecnologia computacional tem sido de grande ajuda nesta área, e muitos softwares de pesquisa como Bible Works, Libronix, Pradis, Quickverse, Biblesoft e Accordance²² se valem dos bancos de dados produzidos por entidades que reúnem experiência lingüística, computacional e conhecimento da língua hebraica. Entretanto, nem todos os softwares permitem que seja realizada uma busca complexa. Ao tentar realizar tais buscas, o estudioso se depara com a realidade de que a variedade do dado lingüístico é muito ampla.

Discorrendo sobre este aspecto, Eep Talstra comenta que há sentenças extremamente complexas em Deuteronômio, ou sentenças muito densas nos Salmos ou Jó. Além da grande variedade de dados lingüísticos, o próprio interes-

²¹ McFALL, L. *The Enigma of the Hebrew Verbal System: Solutions from Ewald to the Present Day*. Sheffield: Almond Press, 1982; ROGLAND, M. *Alleged Non-past Uses of Qatal in Classical Hebrew*. Studia Semitica Neerlandica 44. Assen: Van Gorcum, 2003.

²² Respectivamente os sites dos softwares são www.bibleworks.com; www.logos.com; www.zondervan.com; www.quickverse.com; www.biblesoft.com; e www.accordancebible.com.

se dos estudiosos é diverso.²³ Alguns desejam abordar características retóricas no texto, outros, conexões semânticas e outros, ainda, desejam identificar quem são os participantes textuais, ou marcar os padrões do sistema morfológico apresentado. Produzir um software que englobe todas estas diferentes áreas lingüisticamente analisadas é uma tarefa de longo prazo, por causa dos interesses específicos que lingüistas, tradutores e exegetas possuem.

Talstra destaca, ainda, que lingüistas estão interessados em um banco de dados que lhes permita pesquisar as características da morfologia hebraica, os padrões de ordem de palavras em prosa e poesia, ou até mesmo analisar o uso de formas verbais em orações principais e subordinada. Já os tradutores, estão mais interessados, além destes aspectos, pela valência verbal²⁴ ou pelos padrões de nominalização e renominalização²⁵ em textos de prosa. Exegetas compartilham o interesse de ambos os profissionais anteriores e acrescentam a observação de frequência de palavras em perícopes ou livros inteiros, e também questões acerca de participantes presentes no texto e questões do tipo de idioma que caracteriza grupos ou períodos.²⁶

Muitas das questões com as quais o estudioso bíblico se depara são caracterizadas por grandes abstrações, o que mostra a não-linearidade da língua. Por exemplo, como encontrar orações nas quais “SENHOR Deus” é o sujeito? Como listar somente os casos de discurso direto iniciados pela partícula hnh? Como um software indicaria quem são os participantes do texto? Como apresentar graficamente as seções de narrativa com os discursos embutidos existentes? Os softwares atuais ainda são orientados por busca de palavras, apresentando muita dificuldade em realizar pesquisa de níveis lingüísticos mais complexos. Há um projeto que pretende trabalhar com buscas avançadas para o hebraico, o aramaico e o grego, chamado Stuttgart Electronic Study Bible (SESB).²⁷ Ele talvez não corresponda a todas as expectativas do estu-

²³ TALSTRA, Eep. *Text Segmentation and Linguistic Levels*. Preparing data for SESB. Em SESB Handbook, 2005, p. 1.

²⁴ Veja BORBA, F. S. Coord. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP, 1990, p. xxi. Borba define *valência verbal* como o “conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis”. Valência verbal é um debate acerca da transitividade de um verbo.

²⁵ No campo da lingüística *nominalização* se refere ao uso do verbo como um adjetivo ou como um substantivo, a fim de que a palavra possa agir como termo principal em uma frase nominal.

²⁶ TALSTRA, *Text Segmentation and Linguistic Levels*, p. 2.

²⁷ SESB é um módulo de trabalho que opera na plataforma do Libronix (no Brasil é vendido como “Biblioteca Digital da Bíblia” pela Sociedade Bíblica do Brasil). O SESB é editado por diversos estudiosos do Antigo Testamento que têm trabalhado a partir do banco de dados do WIVU (Werkgroep Informática, do Departamento de Estudos Bíblicos e Ciência da Computação da Faculdade de Teologia da Universidade Livre de Amsterdã). Os editores Dr. Christof Hardmeier, da Universidade de Greifswald, Alemanha, Dr. Eep Talstra, da Universidade Livre de Amsterdã, Holanda, e o Dr. Alan Groves (falecido em fevereiro de 2007), do Westminster Theological Seminary, da Filadélfia, EUA, vem trabalhando há mais de sete anos neste projeto.

dioso, mas é um grande avanço no trabalho de pesquisa na lingüística textual, especialmente no que se refere ao SVH.

A abordagem lingüística textual presente neste mais recente software de pesquisa (SESB) trabalha a partir de três patamares: textual sintático, textual semântico e textual pragmático. Muito embora o processo comunicativo seja mais bem percebido no último nível, o pragmático, é necessário passar pelos degraus sintático e semântico, nos quais se encontram interessantes teorizações acerca do SVH.

2.2 A filosofia do tempo e os estudos textuais lingüísticos

A utilização de softwares pode auxiliar em muito a abordagem lingüística textual – uma abordagem que parte da análise da forma para depois, então, entender a função. O processo rápido de pesquisa e apresentação de resultados ocorre, através de softwares, em um tempo bem reduzido. Por falar em tempo, este modo de estudo, da forma para a função, possui uma dívida para com outro filósofo, chamado Harald Weinrich,²⁸ e sua teoria acerca do tempo. O principal aspecto de sua obra *Tempus*,²⁹ que intrigou e fomentou novos estudos na área do hebraico bíblico, foi seu questionamento acerca do processo textual comunicativo, inquirindo se as formas verbais de uma língua estrangeira são organizadas com base nos elementos *tempo* e *aspecto*.³⁰ Ele sugere que as formas verbais de uma língua estrangeira devem ser organizadas em seus próprios termos. Ao estudar outros sistemas verbais deve-se estar atento às situações comunicativas, pois estas são específicas para cada cultura, e serão elas que fornecerão as marcas sintáticas para se compreender o discurso.

²⁸ Harald Weinrich é um erudito clássico, filósofo e filólogo das línguas românicas.

²⁹ WEINRICH, H. *Tempus: besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1964, pp. 29-30.

³⁰ A interpretação do sistema verbal hebraico é uma aporia de longa data. O foco da controvérsia está nas respostas à questão: as formas do hebraico bíblico expressam primariamente tempo ou aspecto? Por muito tempo, desde a Idade Média, a resposta foi “tempo,” ou seja, os verbos finitos do hebraico bíblico denotam a localização temporal dos eventos, relacionados ao tempo do discurso. Outra resposta, mais recente, afirma que os verbos finitos do hebraico bíblico expressam aspecto, ou seja, eles expressam o tipo de ação (simples, intensiva, causativa). Para ter uma perspectiva atualizada sobre a questão leia COOK, J. A. The Finite Verbal Forms in Biblical Hebrew do Express Aspect? *JANES* 30 (2006), pp. 21-35. Leia, ainda, uma avaliação crítica sobre o estudo de formas verbais hebraicas muito interessante de Naama Zahavi-Ely publicada no site do *Society of Biblical Literature* (SBL), no endereço <http://sbl-site.org/publications/article.aspx?articleId=771>, capturado em 12/05/2008. Nesta avaliação, Naama observa que não há correlação entre Qatal e Yiqtol na Bíblia e qualquer noção temporal de outras línguas. Além disso, Naama destaca, há exemplos na Escritura do uso alternado “perfeito/imperfeito” para o Qal e o Yiqtol. Naama sugere, para estudos posteriores, que talvez no hebraico bíblico tempo e aspecto não estejam codificados por verbos. Como será percebido, o debate acerca de como entender o SVH é atual e deve ser parte integrante dos estudos lingüísticos textuais.

Há muitos modos de se estudar as situações comunicativas. Esta forma de estudo, chamada no início dos anos 70 de *Textlinguistik* (pela escola europeia) ou Análise do Discurso (pela escola americana), possui o alvo principal de estudar estruturas textuais. Ao fazer isso, procura entendê-las nos diferentes tipos de discurso.

Um estudo bastante desafiador, que desenvolve esta proposta filosófica de compreender o *tempo* no hebraico bíblico, foi realizado por Alviero Niccacci. Ele analisa os processos de comunicação de acordo com (a) a atitude do texto (narrativo ou de comentário, ou narrativo e discursivo), (b) a ênfase (*foreground* ou *background*), (c) e a perspectiva lingüística (informação recuperada, antecipada, ou que ocorre simultaneamente no texto).³¹ A gramática de Wolfgang Schneider, também inspirada pela proposta de Weinrich, surgiu como uma adaptação da análise deste sobre tempos verbais para o hebraico bíblico.³²

3. O QUE FAZER PRIMEIRO, ENTÃO?

A idéia de apresentar uma abordagem de estudo como a lingüístico-textual não tem em vista tentar provar porque ela deve ser feita; antes, o aspecto fundamental pretendido é debater como os métodos podem ser utilizados de forma complementar.

Assim, o questionamento do que fazer primeiro desperta uma questão metodológica importante. Vamos comparar dois estudiosos na área de Antigo Testamento que adotam posturas distintas para a pergunta acima. Eep Talstra, que tem trabalhado a partir de uma abordagem distribucional quando o assunto é gramática hebraica, sustenta que se deve fazer *primariamente* uma abordagem textual lingüística a fim de que se compreenda o texto bíblico.³³ John Barton, que tem rejeitado qualquer idéia de *primeiro* façamos isto e *depois* aquilo, afirma que

a menos que possamos ler o texto como algo – a menos que lhe possamos conferir algum gênero, ainda que não totalmente definido – não podemos, de fato, ler um texto; podemos apenas construir sentenças, como uma tradução em um exame de língua estrangeira.³⁴

³¹ NICCACCI, A. *The Syntax of the Verb in Classical Hebrew Prose*. London: Sheffield, 1990; TALSTRA, E. Text grammar and biblical Hebrew: the viewpoint of Wolfgang Schneider. *Journal of Translation and Textlinguistics* 5 (1992), pp. 269-297. Para uma excelente crítica sobre o trabalho de Niccacci, ler DAWSON, D. A. *Text-Linguistics and Biblical Hebrew*. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1994.

³² SCHNEIDER, W. *Grammatik des biblischen Hebräisch*. Munich: Claudius, 1974.

³³ TALSTRA, E. Deut. 9 and 10: Synchronic and Diachronic. Em MOOR, J. C. ed. *Synchronic or Diachronic: A Debate on Method in Old Testament Exegesis*. Leiden, The Netherlands: E. J. Brill, p.15.

³⁴ BARTON, J. *Reading the Old Testament: Method in Biblical Study*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1997, p. 24.

A divergência entre os autores acima citados aponta para o fato de que ler um texto é uma atividade mais complexa do que qualquer método possa dar conta. Ler não é simplesmente uma atividade em progressão linear. Há recuperação de informação anteriormente dita ou conhecida, conhecimento antecipado acerca de palavras específicas, eventos e instituições, e metáforas que não precisaram de explicação à época em que foram proferidas. É preciso, portanto, que haja uma abordagem que procure fazer jus ao grande número de variáveis envolvidas no processo da leitura.

Neste sentido, uma abordagem inicialmente sincrônica e que busque alistar aspectos gramaticais relevantes parece ser a melhor forma de entender a superfície de um texto e, posteriormente, seu gênero. Em geral, os falantes naturais de uma língua conhecem os gêneros com os quais estão lidando, o que reforçaria a postura de Barton. Entretanto, como não há falantes do hebraico bíblico e o *corpus* da língua é reduzido, nem sempre se pode ter certeza inicial sobre o gênero do qual determinado texto faz parte. Por isso uma metodologia textual lingüística irá

protelar informações extralingüísticas, tais como: de que padrões históricos ou sociológicos o autor do texto lançou mão? De que gêneros ou padrões retóricos? Qual terá sido a teologia que originou a composição de um determinado texto?³⁵

Antes, suas principais questões serão: “que marcas lingüísticas podem ser encontradas no mundo do texto com a ajuda de categorias sintáticas, relações gramaticais e dados léxicos?”³⁶

Assim, o registro de aspectos sintáticos, um fator determinante na compreensão mais precisa de textos, deverá ser a primeira etapa do processo. Somente após este registro é que deverá existir a tentativa de interpretar o texto. Parece então bastante adequada a proposta de Eep Talstra de que se faça um inventário (como outras testemunhas, tais como a Septuaginta ou a Peshita, entenderam o mesmo texto bíblico), a análise e, finalmente, a interpretação do texto.³⁷

Embora a abordagem lingüística textual possa ser uma nomenclatura pouco comum em estudos bíblicos no Brasil, ela vem sendo utilizada por pelo menos três décadas na Europa e nos Estados Unidos. Por que dizer isso? Porque parece, às vezes, que a abordagem lingüística textual é desnecessária, ou que ela diz o que todo mundo já sabe, ou seja, quais são os verbos, os sujeitos, os participantes do texto, etc. Entretanto, basta consultar comentários bíblicos e artigos em revistas especializadas para se atestar o fato de que a maioria

³⁵ TALSTRA, Deut. 9 and 10: Synchronic and Diachronic, p.13.

³⁶ Ibid., p. 14.

³⁷ TALSTRA, E. *Oude en nieuwe lezers: een inleiding in de methoden van uitleg van het Oude Testament*. Kampen, The Netherlands: Kok, 2002.

esmagadora deles ainda apela a fontes externas ao texto bíblico para explicar sua estrutura interna.³⁸ Em contrapartida, a abordagem lingüística textual é uma ferramenta que nos habilita a explorar mais e melhor o TM como guia textual do intérprete. Afinal, como um intérprete avaliaria abordagens diacrônicas em discordância, ao lidar com um texto sem falantes nativos? A única forma possível seria uma análise das marcas sintáticas, procurando entender como elas auxiliam o leitor no processo de leitura. Apenas após este procedimento sincrônico é que alguém estaria habilitado a avaliar as propostas diacrônicas com maiores chances de refletirem a intencionalidade textual.

4. UM ANTECEDENTE DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL

Este antecedente, a análise literária, também tem como pano de fundo os estudos lingüísticos saussurianos quanto à primazia sincrônica. Entretanto, a profusão de estudos literários passou a ser perceptível somente a partir dos anos 50. Há muitas escolas de teoria literária, e cada uma delas compreende “texto” e “intencionalidade”, por exemplo, de formas distintas. É muito complexo estabelecer rótulos para cada escola de pensamento, mas se pode falar de escolas em um sentido mais amplo como a nova crítica, os formalistas russos, o estruturalismo, o feminismo, a desconstrução, a crítica *reader-response* e outras.³⁹

A principal distinção entre *análise literária* e *lingüística textual* é o esforço que esta última empreende para independe de teorias literárias. Apesar disso, como ferramentas nascidas a partir de uma mesma filosofia da linguagem, ambas descendem da nova crítica quando se fala de estudos bíblicos. Isto implica diretamente no deslocamento da importância do autor na interpretação de textos. O foco passou a ser o texto em si, sendo a intenção autoral algo pouco ou nada significativo.

A importância da diferenciação da lingüística textual em relação à análise literária está no fato de aquela ir além de uma leitura meticulosa. Ela se apóia na descrição e análise de elementos gramático-sintáticos que podem ser observados por outras escolas de pensamento. Por isso o aspecto sintático-gramatical parece ser um bom começo para uma análise textual. Mesmo que um texto tenha seu potencial equívoco, ele é unívoco o bastante para transmitir sua mensagem.

³⁸ WILLIAMSON, H. G. M. Synchronic and Diachronic in Isaian Perspective. Em MOOR, J. C. ed. *Synchronic or Diachronic? A Debate on Method in Old Testament Exegesis*. Leiden: Brill, 1995, pp. 211-226. Neste artigo Williamson deixa bem claro que a “moda acadêmica” que mais tem apresentado resultados é a diacronia, e que uma abordagem sincrônica purista deve ser deixada de lado (p. 214).

³⁹ Para situar-se em termos de teorias literárias, ler COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999; EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, s/d; LIMA, L. C., org. *Teoria da literatura em suas fontes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 2 v; WIMSATT, W. K. e BROOKS, C. *Crítica literária: breve história*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

Para ilustrar, tome-se a crítica da forma. Hermann Gunkel desenvolveu uma lista reconhecida nos meios acadêmicos de formas literárias do hebraico bíblico no estudo de Salmos.⁴⁰ Por esta razão fala-se de textos de lamento individual, lamento coletivo, ação de graças, entronização, etc. Um problema desta abordagem é que uma vez que estas formas foram identificadas (teorizadas), em geral elas são “impostas” sobre outros discursos bíblicos que apresentem elementos daquela teoria, ainda que não todos. Vale a pena lembrar que o texto bíblico, com suas formas e gêneros, é anterior às classificações que lhes foram designadas.

Para ilustrar este aspecto impositivo, tome-se o lamento individual em forma salmódica. O lamento individual expressa a confiança de que o SENHOR ouvirá e agirá apropriadamente. O sofrimento é descrito de forma vigorosa e com linguagem marcante. A intranqüilidade da alma, a doença e a hostilidade por parte do inimigo são elementos sempre presentes. Em termos de estrutura, primeiro ocorre a descrição do sofrimento, acompanhada por uma profunda convicção de que o SENHOR ouve e sabe, e que virá em auxílio do sofredor. Em seguida, a experiência de sofrimento conduz a uma confissão de pecado e à busca do perdão divino. Neste tipo de salmo o temor da morte é expresso de modo muito claro e perceptível (ver Sl 28.1; 69.1,2; 14,15). Geralmente, no Saltério, a esperança expressa é de que Deus agirá e restaurará o sofredor à saúde e renovará sua vida (ver Sl 49.15; 73.24).

Entretanto, o que dizer de textos como Isaías 38.10-20? Este escrito de Ezequias é considerado um salmo de ação de graças; ou ele seria um lamento individual? Este questionamento quer apenas reforçar que uma teoria, ainda que excelente, em virtude de estarmos lidando com uma língua sem falantes nativos e com um banco de dados reduzido, sempre deve ser vista e estudada com cautela. E este aspecto, o da imposição de uma teoria literária, é o que mais diferencia abordagens sincrônicas – no caso, uma leitura literária e uma leitura lingüística textual. A partir da lingüística textual faz-se um percurso mais longo para se observar se é possível afirmar algo ou dar suporte a determinada leitura retórica.

É interessante notar que este tipo de estudo inicialmente sincrônico, que busca marcas lingüístico-textuais, trouxe em seu bojo um subproduto homilético. No âmbito reformado estuda-se um texto com vistas à exposição, à edificação da igreja. Acerca deste aspecto homilético temos uma importante observação de Carl J. Bosma:

⁴⁰ GUNKEL, H. e BEGRICH J. *Einleitung in die Psalmen*. Die Gattungen der religiösen Lyric Israels. Göttingen: Vandenhoeck e Ruprecht, 1933. Leia a excelente avaliação da pressuposição de Gunkel no trabalho de BOSMA, C. J. Discernindo as vozes nos Salmos. *Fides Reformata* IX:2 (2004), p. 75-118.

Acreditamos que o reconhecimento das alternâncias de voz e destinatários abre novas perspectivas de interpretação e aplicação às áreas teológica, pastoral, litúrgica e homilética. Teologicamente, por exemplo, o reconhecimento desse fenômeno importante permite-nos explorar a intensa tensão dialógica entre fé e experiência nos salmos de lamentação. Homileticamente, isso significa que, em vez de tentar reconstruir a ocasião histórica para a composição de um salmo – para o que os salmos em geral contêm evidência escassa –, *os pregadores deveriam fazer uma análise sintática e temática do salmo*, como o Salmo 2 ou o Salmo 12, para pregar sua tensão dramática passional e persuasivamente.⁴¹

A identificação de marcas lingüístico-textuais, a análise sintática observada por Bosma, ressalta este aspecto essencial que não se prende aos especialistas do Antigo ou do Novo Testamento, mas que é uma ação investigativa que fornece sólido suporte às áreas da homilética, pastoral e litúrgica.

Outro subproduto de uma leitura mais atenta, que pode ser visto mesmo na análise literária, é a apologética. Embora o objetivo primário da análise literária não fosse combater a crítica das fontes, por exemplo, o resultado da análise literária terminou por trazer este aspecto à tona.

4.1 A sincronia e um subproduto apologético

O texto bíblico foi visto por séculos como o resultado da atividade de escribas por gerações. Por causa deste processo muitos eruditos sustentam que houve a introdução de diversos erros no texto. Assim, se algo não parecia estar no lugar certo, a reação imediata era simplesmente emendar o texto a fim de que este se tornasse legível aos olhos de determinado erudito. Se a Septuaginta pudesse apoiar a emenda proposta, tanto melhor. Entretanto, mesmo sem o apoio de outras testemunhas, muitos eruditos sentem-se livres para manipular o texto bíblico para que se torne o que entendem ser o mais correto.

O texto bíblico, após a morte de seus autores humanos, costumeiramente tem sido alvo de estudos críticos.⁴² Neste artigo considera-se o período histó-

⁴¹ BOSMA, Discernindo as vozes nos Salmos, p. 117. Itálicos meus.

⁴² Abordagens religiosas conservadoras e abordagens científicas da Bíblia lançam mão do mesmo termo: crítica. Entretanto, a crítica textual conservadora (também chamada de baixa crítica) e a crítica histórica (conhecida por alta crítica) possuem alvos distintos. A crítica textual conservadora compara diferentes documentos, ou testemunhas, de um texto original. As diferenças observadas são chamadas de variantes textuais ou variantes de leitura. Nem sempre é claro qual das variantes representa a obra original de um autor. O processo de crítica textual procura explicar como cada variante pode ter adentrado ao texto (duplicação ou omissão, harmonização ou ideologia) à medida que este foi sendo copiado e transmitido a outras gerações. O trabalho da crítica textual, portanto, é escolher dentre as variantes, eliminando aquelas que lhes pareçam 'menos originais'. O resultado é o estabelecimento de um texto crítico, ou de uma edição crítica, que pretende ser uma versão mais próxima dos autógrafos originais. A crítica histórica também analisa as testemunhas ao texto bíblico, mas considera a Bíblia como um texto criado por seres humanos em uma dada época histórica, texto este que surgiu por motivos diversos. Esta forma de entender o texto bíblico contrasta com o tratamento dado pela crítica textual conservadora, que considera a Bíblia como a inerrante Palavra de Deus. O que difere ambas as escolas está menos na área da metodologia e mais no campo dos pressupostos, sendo estes, o da inerrância e o da sobrenaturalidade da Bíblia, aspectos centrais que as distinguem.

rico-crítico como se estendendo entre os séculos 18 e 20, período no qual esta atividade foi mais intensa. Por quase três séculos houve um certo consenso de que as fontes datavam de um período muito posterior aos eventos descritos por elas. Segundo se entendia, o texto bíblico estava sempre eivado de erros. A despeito disso, ainda parecia que a Bíblia possuía confiabilidade histórica. Ainda que algumas contradições pudessem ser apontadas por estudiosos, elas se deviam a variações das tradições recebidas (diacronia). Mesmo os críticos mais severos poderiam atestar que problemas menores não afetavam a figura maior. Desta forma, a seqüência histórica, conforme a proposta bíblica, ainda podia ser compreendida.

Segue abaixo um exemplo desta aceitação da figura maior em meio às dificuldades. Tome-se o texto de Gênesis 37:28:

E, passando os mercadores midianitas, os irmãos de José o alçaram, e o tiraram da cisterna, e o venderam por vinte siclos de prata aos ismaelitas; estes levaram José ao Egito.

De acordo com a abordagem da crítica das fontes, a primeira metade do verso 28 (em negrito) é uma fonte Eloísta (E), enquanto que a outra metade é uma fonte Javista (J). Um redator teria unido E e J e a composição final teria sido a supracitada. A intenção do redator, ao combinar E e J neste verso, seria tentar fazer parecer que os midianitas venderam José aos ismaelitas. Após séculos de luta sem muito resultado, aceitou-se que o importante é que ambas as fontes, E e J, sabem da existência de José no Egito, o que demonstra a precisão histórica do relato bíblico.⁴³

É interessante mencionar uma mudança de nomenclatura aqui. A terminologia “crítica literária” vem sendo utilizado contemporaneamente, mas com um significado bem diferente de seu uso no passado. Crítica literária referia-se à busca das fontes da *Torá*, a conhecida teoria JEDP (fontes javista, eloísta, deuteronomista e sacerdotal), que também foi aplicada a outros livros da Escritura. Assim, por exemplo, eruditos supuseram que os livros dos profetas foram sendo criados gradualmente. O objetivo da pesquisa bíblica para os críticos literários de então era descobrir qual seria o material de Isaías ou outro profeta, procurando distinguir o que não seria de Isaías, mas que havia sido inserido no texto por outras tradições. A crítica literária, atualmente, é apenas o debate, a avaliação e a interpretação de literatura. A crítica literária

⁴³ É interessante ler BUTH, R. *Methodological Collision between Source Criticism and Discourse Analysis*, em BERGEN, R. D. ed. *Biblical Hebrew and Discourse Linguistics*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994. Neste texto Buth demonstra que uma melhor compreensão da sintaxe hebraica e das técnicas de narrativa são um corretivo para passagens que já foram consideradas corrompidas ou de estilo *inaceitável*. Ler ainda, na mesma obra de Bergen, *Is Gen. 27:46 P or J? And How the Answer Affects Translation*, pp. 283-299.

contemporânea geralmente orienta-se por alguma teoria literária, a qual define os métodos e objetivos da análise literária.

Os aspectos da crítica das fontes mencionados acima foram citados apenas para destacar que todo o esforço dos eruditos foi diacrônico em sua extensão. Ou seja, a pesquisa que empreendiam se concentrava no desenvolvimento dos textos ao longo do tempo.

Com o surgimento dos estudos sincrônicos houve uma mudança paradigmática. Em lugar de se preocuparem com fontes distintas e de como, quando e onde tais textos foram escritos e transmitidos, voltaram-se para o texto em si. Ou seja, muitos estudiosos estavam interessados em entender os textos como estavam, não importando o processo de como chegaram até seu formato final. Uma crise havia se instalado nos estudos diacrônicos, permitindo o florescimento da sincronia. Havia na abordagem da crítica literária uma dependência excessiva de hipóteses externas ao texto bíblico. Qual o sucesso até os dias de hoje, em provar uma fonte Javista? Ainda não se provou efetivamente esta hipótese e ainda hoje há pouco acordo sobre a delimitação de suas perícopes.

4.2 Resultados e limites da análise literária

Embora grande parte dos estudos de análise literária tenha ocorrido no final do século 20, somente agora sua importância vem à superfície. Nomes como Robert Alter⁴⁴ e Adele Berlin nos Estados Unidos, Meir Sternberg em Israel e Jan Fokkelman na Holanda tornaram-se referências em estudos bíblicos literários.

Este novo modo de abordar o texto bíblico, a análise literária, diferencia-se da crítica literária antiga por não estar interessado em situar o período histórico do registro bíblico. O centro das atenções passou a estar em como aquela história funciona como literatura. Para entender o impacto dos estudos literários, tome-se como exemplo o texto de Gênesis 34. Sternberg e Berlin⁴⁵ já trabalharam neste texto a partir de uma perspectiva literária. Para ambos a história é um todo literário. Não se encontra nesses autores uma preocupação com o debate acerca de JEDP e nem mesmo a crítica textual avaliando outras testemunhas alternativas ao texto massorético.

A ênfase proposta por ambos para a interpretação de Gênesis 34 é que houvesse uma leitura meticulosa (*close reading*), principalmente quanto à negociação envolvida entre os personagens Hamor, Siquém e os filhos de

⁴⁴ Quem desejar ouvir uma palestra de Robert Alter sobre análise literária da Bíblia pode acessar <http://www.youtube.com/watch?v=ZSQqde4y-Vc>, link capturado em 13/05/2008. A palestra é em inglês e possui duração de cerca de 1 hora e meia.

⁴⁵ STERNBERG, M. *The Poetics of Biblical Narrative*. Bloomington: Indiana University Press, 1985, pp. 445-475; e BERLIN, A. *Poetics and Interpretation of Biblical Narrative*. Sheffield: Almond Press, 1983, pp. 76-78.

Jacó. Na narrativa bíblica, Hamor e Siquém se apresentaram aos israelitas de modo polido e em termos totalmente positivos. Eles omitiram ao seu próprio povo, porém, o fato de terem oferecido aos israelitas o direito de adquirir propriedades na cidade (cf. verso 10). Há ainda outro aspecto importante, que é a inversão dos verbos *laqah* e *natan* (“tomar” e “dar”). O acordo entre as partes (Hamor, Siquém e os irmãos de Diná) era de que os israelitas seriam os que dariam e tomariam. Eles ativamente dariam suas filhas e tomariam as mulheres que desejassem. Entretanto, na apresentação aos líderes no portão da cidade, Siquém e Hamor reverteram a situação, transformando o seu povo naqueles que ativamente tomariam e dariam filhas. Somente após estas explicações iniciais é que Siquém e Hamor comentam que eles precisariam se circuncidar (verso 22).

Aspectos como estes, somente identificados por uma leitura meticulosa (*close reading*), passaram em brancas nuvens pela maioria dos estudiosos mais afeitos a uma abordagem diacrônica. Ainda há mais trabalho a ser feito a fim de se concluir o que tais peculiaridades apontam, ou de que forma contribuem para o discurso inteiro.

Apenas para um treino de observação, deve-se lembrar que o narrador descortinou o engano (*b^emirmah*) tramado pelos filhos de Jacó, mas deixou aos ouvintes (leitores) o privilégio de perceberem que Siquém e Hamor também estavam enganando seu povo, conforme foi apresentado acima, através de uma análise literária mais detalhada.

Esta forma de análise literária tem sido uma tendência nos estudos bíblicos. Uma geração anterior de estudiosos apresentava emendas ao texto ao menor sinal de descompasso do que entendiam ser uma leitura correta do TM. As novas abordagens literárias procuram sensibilizar o leitor para os efeitos retóricos nos discursos. Desta forma, propostas de emenda não têm sido mais o primeiro recurso buscado, mas outras explicações têm sido pesquisadas.

A erudição bíblica anterior ao século 20 teve sua atenção voltada para o que estava por detrás do texto – suas fontes, seus autores, e seus eventos e instituições. O interesse primário da análise literária foi um retorno à apreciação artística da Bíblia. Assim, ela procura observar meticulosa como os sons se organizam no texto, onde ocorrem as repetições e o que elas sinalizam, como os diálogos estão construídos, que alusões explícitas são feitas nas histórias e que tipo de ambigüidade foi pretendida pelo discurso analisado.

Entretanto, este interesse na Bíblia “como literatura” não é algo novo. Suas raízes já podem ser percebidas no século 18.⁴⁶ É interessante observar que os estudos literários do século 20 trouxeram dois aspectos relevantes para

⁴⁶ Ver PRICKETT, Stephen. *Words and the Word: Language, Poetics and Biblical Interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986 e SHEEHAN, J. *The Enlightenment Bible: Translation, Scholarship, Culture*. Princeton, N.J.: Princeton University, 2005.

os estudos bíblicos: 1) a análise literária, mesmo com seu distanciamento ou interesse em uma história real, trouxe à superfície a atenção que não estava sendo dada ao texto bíblico. Estava sendo dada importância muito maior à história da interpretação e a aspectos teológicos, sem que se fosse ao texto hebraico ou grego para explicitar a procedência das conclusões. A análise literária reavivou termos como coerência e unidade bíblica textual, em uma época na qual muitos estudiosos falavam de incoerência e tensão textual; 2) a análise literária mostrou-se, como a crítica da forma, uma armadilha com respeito ao anacronismo. Como James Kugel observou, as leituras literárias da Bíblia projetam para o texto categorias (poesia, comédia e outras) e propriedades estéticas (ironia, ambigüidade) de sua própria época, propriedades estas estranhas à cultura da Bíblia.⁴⁷

Os estudos bíblicos do final do século 20 e início do século 21 estão mais interessados na história da recepção textual, argumentando em geral a impossibilidade de objetividade na interpretação bíblica. Este artigo não tem espaço para incluir um debate apologético, mas isto não significa a proposta de um ecletismo metodológico, ou seja, não se está propondo validade universal a toda e qualquer abordagem, ou a falta de objetividade intrínseca a qualquer escrito. Antes, afirma-se que o próprio uso da linguagem testifica a existência de uma objetividade tangível. Assim, através de uma análise da estrutura da linguagem, procura-se evitar as imposições literárias, e ao mesmo tempo analisar as estruturas de superfície que permitam conclusões mais embasadas nos discursos bíblicos.

5. A LINGÜÍSTICA TEXTUAL: UMA SINCRONIA MAIS EMBASADA

Uma leitura meticulosa dentro dos estudos de lingüística textual vai além das mudanças da ordem das palavras encontradas nos discursos, ou de seus efeitos retóricos. Ainda que os estudiosos no campo da teoria literária façam um excelente trabalho, o leitor da Bíblia se questiona: Se existe de fato a perspicuidade na Escritura, o que fazer quando se depara com uma intuição literária tão acurada de autores como Alter e outros, ao descortinarem propostas retóricas no texto bíblico? A tentativa de resposta proposta neste artigo é que precisamos de uma abordagem que nos ajude a avaliar o que outros disseram a partir do próprio texto bíblico. Precisa-se de compreensão textual das marcas sintáticas deixadas, a fim de que tenhamos base mais segura para afirmar determinado aspecto retórico ou pragmático. É preciso estar atento às marcas gramaticais do texto a fim de perceber as possíveis nuances.

Apenas um exemplo para mostrar que a abordagem lingüística textual não é uma oferta do tipo “ou é esta ou aquela.” Apesar de estar convencido de que é preciso primeiro fazer uma leitura sintática, depois uma leitura semântica e

⁴⁷ KUGEL, James. On the Bible and Literary Criticism, *Prooftexts* 1:3 (1981), pp. 217-36.

então uma leitura pragmática, pode-se perceber algumas vezes a simultaneidade no processo de leitura do texto bíblico – especialmente porque o ato de ler não é um processo linear. Considere-se o texto de 1 Samuel 17.38. Nele se lê como Saul vestiu Davi com sua armadura: “Saul vestiu a Davi da sua armadura, e lhe pôs sobre a cabeça um capacete de bronze, e o vestiu de uma couraça.”

Um estudo detalhado precisa saber o que caracteriza uma narrativa em hebraico. Precisa saber ainda como o hebraico bíblico marcou, através de seu sistema verbal, esta característica textual chamada narrativa. Deve-se observar que existe uma seqüência conhecida de *wayiqtol*s em texto narrativo. Com este ponto de partida pode-se perceber que há uma forma *weqatal* no texto de 1 Samuel 17.38 onde seria esperado naturalmente um *wayiqtol*!⁴⁸ O significado provável disto é que o texto possui marcas gramaticais com efeitos retóricos. Assim como um *weqatal* naquela posição parece inadequado gramaticalmente no fluir da história, também Saul se mostra inadequado ao colocar o capacete em Davi como a segunda peça e não como a última. Saul não era capaz sequer de aparelhar um soldado para a guerra.

Este, entretanto, é um palpite interpretativo com boas chances de poder explicar o *weqatal* em tal posição. O usual seria que um soldado ou guerreiro colocasse primeiro a vestimenta, depois o peitoral, e finalmente o capacete. O usual seria ter ocorrido um *wayiqtol* naquela posição. Esta observação somente é possível porque há uma relação importante entre seqüências de cláusulas e a organização temporal da narrativa bíblica. Estas seqüências envolvem, portanto, uma observação da ordem dos constituintes textuais (sejam palavras ou formas verbais).⁴⁹

⁴⁸ O registro de aspectos sintáticos é a primeira etapa da análise lingüístico-textual. Ela é operacionalizada através de uma hierarquia de passos que têm como alvo entender o processo comunicativo. Três características principais ajudam o leitor a tomar decisões no processo de associar cláusulas. De cima para baixo em ordem de importância elencam-se as características gramaticais, sintático-textuais e léxicas. Esta nomenclatura de *wayiqtol* e *weqatal* tem a ver com a característica gramatical, na qual se observa qual é a classe gramatical da cláusula (nominal, verbal ou adjetiva) e qual é o tipo de cláusula, incluindo a ordem de seus elementos. Assim, tem-se que narrativas possuem em geral a conjunção *waw* + a vogal ‘a’ + um verbo no imperfeito (*wayiqtol*). Por conseguinte, *weqatal* é uma forma verbal no perfeito precedida pela conjunção *waw* e a semi-vogal ‘e.’ Existem seqüências narrativas de *yiqtol* e *weqatal*, como pode ser visto no cap. 24 de Lambdin; entretanto, a seqüência narrativa aqui é de *wayiqtol*s.

⁴⁹ A seqüência de cláusulas deve chamar a atenção do estudioso para que esteja atento à ordem seus constituintes. Este aspecto, a análise do tipo de cláusula, é um importante parâmetro para a análise de qualquer idioma. Ver GREENBERG, J. H. ed. *Universals of Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1966 e COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. Chicago: University of Chicago, 1989. Ainda que existam variações na organização dos constituintes em uma cláusula, esta variação é perceptível em meio à regularidade lingüística que a caracteriza. Ler ainda BOSMA, C. J. Creation in Jeopardy. *Calvin Theological Journal* 34:1 (1999), pp. 64-116, a fim de se perceber o uso da abordagem lingüística textual na avaliação de interpretações em desacordo no texto de Oséias 4:1-3. A questão básica a ser resolvida é se esta perícope assinala um anúncio profético de julgamento contra uma nação, um tribunal profético, ou apenas a descrição de circunstâncias.

CONCLUSÃO

Os objetivos deste artigo foram descrever o que é uma abordagem lingüística textual, ressaltar alguns de seus conceitos principais e através de um breve panorama apontar como esta abordagem vem sendo cada vez mais utilizada nos estudos bíblicos, particularmente no Antigo Testamento.

Este breve artigo pretende sugerir alguns aspectos para os quais os estudiosos bíblicos poderiam voltar sua atenção. Primeiro, a abordagem lingüística textual alinha-se com os estudos acerca da linguagem, que têm permeado tanto a filosofia quanto a teologia. Isto confere a ela um campo de debate por um longo período de tempo. Em segundo lugar, dentro da erudição bíblica há um vasto espaço para uma abordagem que dê mais atenção à sincronia como suporte para as conclusões diacrônicas. Este procedimento não é sequer contracultural, ou contra o atual formato da academia; antes, é uma proposta para se olhar os dados novamente por um outro ângulo, sempre em diálogo com o que já foi sedimentado até o presente momento através dos aprofundados estudos diacrônicos. Finalmente, uma leitura mais detida (*close reading*) do hebraico bíblico nos níveis gramatical, sintático e léxico parece ser um bom caminho até que aspectos históricos e teológicos entrem no processo de interpretação de um texto.

ABSTRACT

Text linguists concentrate on the analysis of various paradigms in a discourse so that they can grasp how sentences get connected. It is necessary a list of linguistic devices that grant textual cohesion. Such devices include articles, lexical repetitions, personal pronouns, types of clauses – nominal or verbal, etc. These elements are the ones that will establish a logical association in the discourse. This article describes textual linguistics, highlights some of its main concepts, and offers a cursory survey showing how this approach has become progressively recognized in biblical studies, particularly in the Old Testament area.

KEYWORDS

Textual linguistics; Hebrew verbal system; Communicative process; Synchrony; Diachrony; Tagmemics.